

O NOVO AUGE DO MOVIMENTO DE MASSAS DOS ESTUDANTES

2

O APROFUNDAR DA CRISE E AS NOSSAS TAREFAS

**F
E
M
L**



**COMITÉ ESTRELA VERMELHA -
-RIBEIRO SANTOS, ORGÃO
CENTRAL DA FEDERAÇÃO DOS
ESTUDANTES MARXISTAS LENINISTAS**

ACERCA DO PLANO GOVERNAMENTAL DE EMERGÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO

Confirmando inteiramente o que a FEML vinha dizendo, e no prazo previsto, ou seja, na quadra do Natal, em que a maioria dos estudantes se encontra fora da escola, pelo que se torna mais difícil a sua mobilização, o M^{EC} deu, finalmente, a conhecer algumas das medidas para o ano de 1975, profundamente anti-democráticas e anti-populares, como seja as que se referem à gestão dos estabelecimentos do Ensino Secundário e ao trabalho forçado estudantil. Tais medidas que, na realidade, já haviam sido tomadas numa Reunião Extraordinária do Conselho de Ministros cujas conclusões permaneciam em absoluto sigilo (tal é o receio com que o M^{EC} encara a apresentação e a aplicação das suas disposições, consciente da reacção que, pelo seu carácter anti-popular, vão provocar) são as primeiras daquilo a que poderemos chamar o "plano governamental de emergência" para o sector da Educação e que se destina a "resolver", ainda que "provisoriamente", a "crise na educação".

Nós devemos integrar este "plano governamental de emergência" para a Educação na situação mais geral da situação portuguesa. E qual é a situação? A situação é que, também aí, a classe dominante prepara as suas medidas de "emergência", de "urgência", ou como se lhes queira chamar; lembrando a necessidade de uma vida de "rigor" e "austeridade" (como se o povo português alguma vez tivesse vivido no luxo ou na opulência), adiando os prazos para o cumprimento das suas "promessas" por "mais alguns anos" dado que existe a "pesada herança do fascismo" (que ninguém lhe pediu que aceitasse), a burguesia monopolista, lacaios do imperialismo mundial, tem vindo a avisar, através dos seus representantes, que 1975 será um ano de vacas magras e, enquanto pede a um povo esfomeado, no desemprego e na miséria, que aperte ainda mais o cinto, prepara, através do seu "Plano Económico de Emergência", "Plano de Reconstrução Nacional" ou de "Salvação Nacional", a imposição de um maior horário de trabalho nacional, as 50 horas semanais, em ordem à intensificação da desenfreada exploração que move sobre a classe operária e o povo.

Na realidade, estas "medidas de emergência", que materializam a necessidade que a burguesia sente de, a todo o custo e rapidamente, consolidar a sua ordem democrática, fazem parte de um todo e aquilo a que assistimos é, de facto, ao desenvolvimento de um plano táctico que a contra-revolução tinha preparado com minúcia e que esperava apenas a melhor oportunidade para ir desenvolvendo no terreno. Assim, as medidas agora aplicadas ao "ensino" vêm no seguimento de uma série de medidas anti-democráticas e a

ti-populares como a lei fascista da "informação", as leis contra as liberdades de reunião, de associação e de manifestação, a lei anti-greve, regulamentos contra a unidade sindical, a lei eleitoral e a lei dos partidos, etc., e numa altura em que já está em fase de acabamento, para substituir a lei fascista da "informação" uma lei social-fascista da "informação" que é, do princípio ao fim, uma lei dirigida directamente contra a imprensa do nosso Movimento e que visa calar a imprensa revolucionária em Portugal.

E acerca da questão das "medidas de emergência", nós devemos olhar o que se passa no campo do inimigo: o que por ali vai de confusão! A burguesia decreta o estado de emergência e cada facção, cada clique, e cada facção de clique, com "urgência, apresenta os seus planos de "reconstrução" ou de "salvação nacional"... Cada lacaio do imperialismo julga ter a melhor receita para cicatrizar essa ferida aberta que é a Revolução. Em relação à "educação" o "plano de emergência" que ora aparece, não se afasta um milímetro daquilo que o Russo Branco já havia disposto num comício do P"CP-UE" C"; depois, no M"EB", os "homens de mão" de Barreirinhas Cunhal, com destaque para Avelãs Nunes e António Hespanha, deram, ao ministro militar o recado do Barreirinhas.

Como é diferente a situação do lado da classe operária! Para este, não há "emergências" nem "urgências"; esta diz: "A Revolução está na ordem do dia!" e isso não é motivo de qualquer preocupação, antes pelo contrário, é causa de grande satisfação. Com o optimismo e a confiança que caracterizam, a classe mais avançada da sociedade, consoante a sua estratégia autónoma, prossegue na senda da Revolução; com os seus nervos de aço, a cabeça levantada e os pés bem firmes na terra. O tempo é de guerra! O horizonte é vermelho! Não é caso para "emergências" ou "urgências" de desespera dos condenados ao caixote do lixo da História - a classe operária já escreveu na sua bandeira a letras firmes que O POVO VENCERÁ!

CRISE DO ENSINO OU CRISE GERAL DO DO SISTEMA CAPITALISTA

O que vem revelar o "plano de emergência para a educação"? O que demonstra, por exemplo, a medida do "serviço cívico", trabalhado estudiantil, que coloca os estudantes sem poderem estudar e mais trabalhadores sem poderem trabalhar? Ele reflecte precisamente a crise, essa crise de que toda a gente fala e que é, não uma crise "no ensino", mas uma emanação da crise mais geral do capitalismo português.

A burguesia procura responsabilizar os marxistas-leninistas pela crise; com isso prossegue dois objectivos: primeiro o de desviar a atenção das massas populares da crise mais profunda, da crise na sociedade portuguesa, parte integrante da crise mundial do capitalismo; segundo, o de atacar a vanguarda marxista-leninista

ta-maoista do proletariado português, o MRPP, no sentido de impedir a aplicação da justa tática de participação nas eleições à Assembleia Constituinte; na realidade, essa tática lançou o pânico nas hostes da burguesia, pois das duas, uma: ou ela deita a baixo a cortina de fumo de liberdade e de democracia, e reprime o nosso Movimento, e isso significa um salto enorme na consciência das massas e, portanto, na Revolução; ou mantém a cortina de fumo de liberdade e de democracia, e nós havemos de poder levar a nossa tática até ao fim, e isso é um imenso progresso para a consciência das massas, e, portanto, para a Revolução.

A classe dominante, que se encontra na situação de já não poder governar, enquanto a classe operária se prepara para o fazer, procura esconder este facto das massas e fazer-lhes crer que tudo o que de mau acontece nesta terra é por culpa do MRPP. Para os partidos pequeno-burgueses, se não fosse o MRPP, depois do 25 de Abril, existiria o paraíso no nosso país; não havia luta de classes, não havia reivindicações, não havia nada. Andávamos todos fraternalmente abraçados na rua e podíamos marchar para o céu. Na verdade a situação não é essa. Não é por existir o MRPP que os operários lutam, que os camponeses protestam, que os estudantes se levantam, não é por existir o MRPP que nos quartéis, os soldados manifestam as suas posições e se organizam. Precisamente existe esse descontentamento como base da nossa sociedade e o MRPP, a única coisa que faz, e é essa a sua tarefa, é mobilizar as massas na base desse descontentamento que existe, que ele não provocou, mas que tem que aproveitar se quiser cumprir a sua tarefa histórica de conduzir a classe operária e o povo ao poder sobre os seus opressores.

E é por isso que assistimos por parte do M"EC" e de todos os órgãos do poder do imperialismo e dos monopólios, a uma campanha concertada e em larga escala em que se procura preparar o terreno para a aplicação do seu "plano de emergência" através da mais descarada deturpação da realidade das coisas, buscando fora das escolas o apoio que não tem nas escolas e, para tal, restaurando todas as teses fascistas acerca do movimento de massas dos estudantes.

Dizia, antes do 25 de Abril, o Reitor fascista da Universidade de Lisboa: "Quem pretende travar lutas políticas que o faça onde a lei lhe permite, mas nunca à sombra de uma instituição que exige respeito e bom convívio". Diz, agora, alguns meses após o 25 de Abril, o ministro militar da "Educação" e "Cultura": "Antes da preocupação do ensino em si, existe uma preocupação política, tendo-se feito das faculdades mero terreiro de luta de várias facções políticas que pretendem, pela sua actuação, fazer sentir a sua influência e assenhorear-se da orientação".

actividades nas diversas escolas". (Qualquer coincidência entre as duas posições, não é pura coincidência). E é curioso notar que, quanto o P"CCP-UE" mantinha, a seguir ao 25 de Abril, por deter todas circunstâncias, uma posição de predomínio nas escolas, ninem, no Governo, protestou contra a " nas escolas. E agora, quando social-fascistas são esgarçados, de norte a sul do país, pelas ssas estudantis, agora sim, agora já se levantam vozes por toda a eto, nos órgãos de poder e na imprensa, contra a política nas eslas. Não seria o P"CCP "político"? Façam o favor de acrescentar, inal, contra que política protestam, senhores oportunistas de tos os feítios!

Outra tese fascista actualmente em voga, posta a circular pelo EC" e pelo P"CCP, é a de que reside nos "agitadores", nos "grupos edicais", nos "esquerdistas", a causa da crise na escola. Mas será to diferente, em alguma coisa, do que dizia a "FRENTE", órgão fasta, odiado pelas massas, que era distribuído, pelo correio, a tos os estudantes do Ensino Superior? Vejamos o que se diz num edirial daquela revista fascista, em Janeiro de 1974 (nº23): "A democracia, em qualquer parte do mundo, nunca permitiu a existência de stúrbios e muito menos a violência, fonte de destruição. Não compreendemos, assim, que se pactue com uma minoria activista que prende arrastar consigo esta ou aquela corrente política no sentido a aumentar aos olhos desprevenidos um pseudo número de aderentes. voz forte da razão e as bases menores de qualquer tipo de sociede democrática impõem, assim, uma decidida actuação administrativa para que resolutamente se ponha cobro à indiscplina académica que se chegou". Todos nós temos a sensação de já ter ouvido esas palavras na boca de Magalhães Godinho ou Avelãs Nunes. Não as brão já dito, uma a uma, num discurso ou numa entrevista?

É que na realidade, diferença entre a Reforma "Democrática" do biga Simão e a Reforma "Geral" e "Democrática" dos revisionistas n existe uma, que é a de a segunda ser "geral" no sentido em que prve não apenas o imperialismo ianque mas também o social-imperialista revisionista soviético.

A situação nas escolas deve, pois, ser encarada à luz da nova rise, a quarta qua após o 25 de Abril, abale a sociedade portuguesa. Mas Portugal não é senão um elo fraco da cadeia mundial do imperialismo, e nós devemos olhar também para fora para podermos ver me por o que se passa cá dentro. Uma grande desordem é o que caracteiza, actualmente, a situação no mundo. O sistema imperialista atrassa a sua crise maior desde a segunda guerra imperialista. Essa desordem é, aparentemente uma coisa má, mas para os comunistas, para a classe operária e para o povo ela é uma coisa boa, porque é o precede a nova ordem, a ordem da classe operária, sempre vitori Essa desordem traz nas suas entranhas essa nova ordem e nós de

vamos saudar a nova ordem olhando bem a desordem.

O DESENVOLVIMENTO DA SITUAÇÃO ACTUAL; O APROFUNDAR DA CRISE

Depois de sabermos onde estamos, devemos procurar saber para onde vamos; e é justo que nos interroguemos acerca do provável desenvolvimento da situação actual; que se irá passar no movimento de massas dos estudantes?

Se pensarmos no conjunto das lutas, luta pela libertação dos anti-fascistas presos, luta contra o trabalho forçado estudantil, luta contra o social-fascismo, luta pela implantação de órgãos de vontade popular nas AAEEs, luta pelo saneamento, luta contra a selecção, vemos que toda a situação se apresenta extraordinariamente carregada de material inflamável.

E as medidas do M"EC", do Natal de 1974 devem ser vistas como achas que o inimigo deita para a fogueira em que ele próprio se irá queimar.

A questão do trabalho forçado estudantil é extremamente importante no momento actual: não só pelos 28000 estudantes que imediatamente movimenta, em todo o país, como pelo facto de materializar e exprimir de forma clara a própria irracionalidade do sistema capitalista e a incapacidade da burguesia para governar, colocando claramente a questão do poder e abrindo o confronto directo entre as massas estudantis, as suas reservas de apoio e o Governo Provisório e demais órgãos do poder do imperialismo e dos monopólios, e permitindo, pelo facto de ser uma questão central na sociedade portuguesa, a união à luta mais geral do Povo contra o desemprego, a fome e a miséria. A luta contra o trabalho forçado estudantil será concerteza decisiva no aprofundar da crise e contribuirá para o desenvolvimento impetuoso do movimento de massas dos estudantes, colocando-o decididamente ao lado do povo e sob a direcção da classe operária.

As medidas tomadas no que se refere à gestão dos estabelecimentos do Ensino Secundário (de que salientamos aquela que pretende retirar às assembleias de massas dos estudantes todo e qualquer poder deliberativo), suscitarão, de imediato, uma resposta dos estudantes, o que será determinante no desenvolvimento do movimento de massas no Ensino Secundário que se transformará, assim, muito provavelmente, no principal componente do movimento estudantil em Portugal.

Por outro lado, nestes primeiros meses do ano (em Janeiro, principalmente) vão efectuar-se bastantes eleições associativas, o que contribuirá certamente para o estalar das contradições. No liceu de Vila Real, por exemplo, uma lista revisionista "venceu" as eleições por um número superior ao número de estudantes de toda a esco-

la! Tão suja manobra imediatamente suscitou a repulsa das massas estudantis que, correspondendo ao apelo feito por uma lista candidata, que integrava estudantes democratas e progressistas, vieram para as ruas numa manifestação com palavras de ordem contra o social-fascismo. Estes factos, ocorridos em Trás-os-Montes, têm para nós, em todo o país, um profundo significado: Para além de nos darem uma ideia das lutas que, também neste domínio, se avizinham, eles mostram bem como os estudantes se situam, neste momento, na vanguarda da luta contra o revisionismo e contra o social-fascismo.

Para além do mais, também existe a questão das eleições para a Assembleia Constituinte - e se as houver, os estudantes portugueses, em Março ou Abril, terão que tomar uma posição clara a este respeito.

No momento actual trava-se uma importante luta pela libertação dos anti-fascistas presos. Perante a pronta resposta dos estudantes e as manifestações da mais viva indignação popular, o COP-CON viu-se obrigado a libertar os nossos camaradas presos, entre os quais a camarada Maria José Morgado, em greve da fome até à sua libertação total. Mas a Junta e o Governo Provisório mantêm nos cárceres da nova Pide outros anti-fascistas - entre eles, o soldado revolucionário Etelvino de Jesus, em greve da fome desde o dia 17 de Dezembro pela libertação de todos os anti-fascistas! As amplas massas dos estudantes portugueses estão com aqueles que, nas prisões "democráticas" da Junta e do Governo Provisório, prosseguem na sua heróica luta pela Revolução Democrática e Popular! Se a Junta e o Governo Provisório condenaram à morte Etelvino de Jesus, nós dizemos-lhes que já há muito que o Povo condenou à morte a Junta e o Governo Provisório!

Face a toda esta situação e ao seu desenvolvimento no sentido do aprofundamento da crise, é uma luta dura a que os estudantes comunistas podem prometer, não podem prometer coisas baratas mas coisas caras em tempo de carestia.

AS NOSSAS TAREFAS

E a questão que agora se coloca é: quais as nossas tarefas perente o desenvolvimento da situação política e o aprofundar da crise que já pulsa na sociedade portuguesa? Que fazer?

Em primeiro lugar, os estudantes têm que escolher entre duas perspectivas: a perspectiva que a burguesia lhes oferece de se transformarem em lacaios do Capital, em cães de fila do Capital, em trabalhadores colocados atrás duma secretária à espera de reforma, e então em servir o povo, em servir a Revolução. Não têm outra alternativa. E cada vez mais eles são obrigados a escolher, mesmo aqueles estudantes equivocados que pensam que podem ficar fora dessas coisas. O melhor é que eles se apercebam rapidamente que a es-

colhá tom de ser feita, porque isso significa um imenso progresso para eles, e um imenso progresso para os outros que já fizeram a escolha.

Há, de seguida, uma questão acerca da qual nunca é demais a nossa precaução: verifica-se que o inimigo tenta isolar a nossa luta, despejar sobre os estudantes as responsabilidades e as consequências da crise, voltar a classe operária e o povo contra os estudantes. Essa é a razão de ser dos ataques furiosos que o P"O"O"O" movê contra as massas estudantis, identificando a sua luta com as actividades da "reacção" e sustentando abertamente que os estudantes são "reaccionários" e que "não querem trabalhar". Para não sermos varridos por esta contra-corrente que o inimigo agora lança sobre o nosso movimento de massas, nós devemos saber, antes de tudo, "agarrar-nos à rocha", isto é, agarrar-nos à classe operária e às massas populares, fazer nossa a sua bandeira e, tal como os estudantes de Olhão no apoio e solidariedade activa com a luta das operárias conserveiras, colocar as reivindicações da classe operária e do povo à frente das nossas próprias reivindicações.

Outra questão importante é a questão da unidade. Dos vários milhares de estudantes que lerem este comunicado, comunicado este de uma organização comunista para a juventude estudantil, a grande maioria não é de estudantes comunistas. No entanto, muitos estudantes, embora não assumindo a totalidade dos nossos pontos de vista, aceitam como justo o essencial do que dizemos. É necessário e indispensável que forjem uma sólida unidade, que todos os estudantes de democratas, patriotas e progressistas, independentemente do seu credo político ou religioso, se unam na base de um programa revolucionário, democrático e popular. Nós, comunistas, apoiamos a FREP (Federação Revolucionária dos Estudantes Portugueses) e propomos a unidade de todos os estudantes revolucionários e progressistas, embora não comunistas. Mas trata-se da unidade na base de princípios e não da "unidade contra o MRPP" que a UE"O" pede, desesperada, a todos os grupos e tendências. Edificar a FREP, erguê-la nas tempêtes das lutas de massas, eis a tarefa central dos estudantes progressistas e revolucionários.

Mas há um problema que nós, marxistas-leninistas, nunca podemos consentir em ver escamoteado e acerca do qual todos os revolucionários devem tomar uma posição firme: é a questão da direcção: classe operária. A classe operária, classe mais avançada da sociedade, e única consequentemente revolucionária, deve dirigir tudo. Esta questão constitui uma pedra de toque que nos demarca dos neo-revisionistas e oportunistas de todos os matizes - eles surgem precisamente para sabotar a direcção da classe operária; dizendo-se contra o sectarismo e muito "unitários", eles é que são na realidade os sectários; dividir as massas, lançar a confusão, eis o

seu objectivo. Em relação ao movimento de massas dos estudantes ca
da classe e cada camada de classe e os partidos de cada classe e
de cada camada de classe tomam a sua posição. E é assim que os par
tidos, repartidos, tripartidos neo-revisionistas encontram entre
os estudantes, alguma representação. Estranhos à classe operária,
muitos deles directamente controlados por pides, como após o 25 de
Abril se veio a provar, estes grupelhos de provocadores surgem ag
o no uso uso uso da luta de classes como o balão de oxigénio dos revi
sionistas; alguma vez alguém os viu lutarem contra o fascismo ou
social-fascismo? De onde vêm? E ao que vêm? Numa altura em que o i
solamento dos social-fascistas é cada vez maior e quando surge o
perigo, entre as massas estudantis, de, pelo facto de poderem ver
no partido revisionista não a traição do revisionismo mas a trai
ção do partido, o perigo da proliferação de correntes oportunistas
de tipo anarquista ou afins, todos estes grupelhos se voltam para
atacar a direcção da classe operária e da sua vanguarda organizada.
Por isso, uma das suas tarefas, no momento actual, deve constituir
um combate implacável ao sectarismo e em fazer fogo sobre o neo-re
visionismo e todas as restantes formas de oportunismo.

Camaradas!

Se o ano de 1974 acabou em luta, o ano de 1975 começará em lu
ta! Cerremos punhos e dentes para os duros combates que se avizi
nham! A Junta, o Governo Provisório e demais órgãos do poder dos
monopólios e do imperialismo, não terão, concerteza, um ano novo
cheio de felicidades.

VIVA A LUTA DOS ESTUDANTES AO LADO DO POVO
E SOB A DIRECÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA!

VIVA A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR!

VIVA A DITADURA DEMOCRÁTICA E POPULAR!

PODER AOS OPERÁRIOS E CAMPONESES!

MORTE AO FASCISMO E AO SOCIAL FASCISMO!

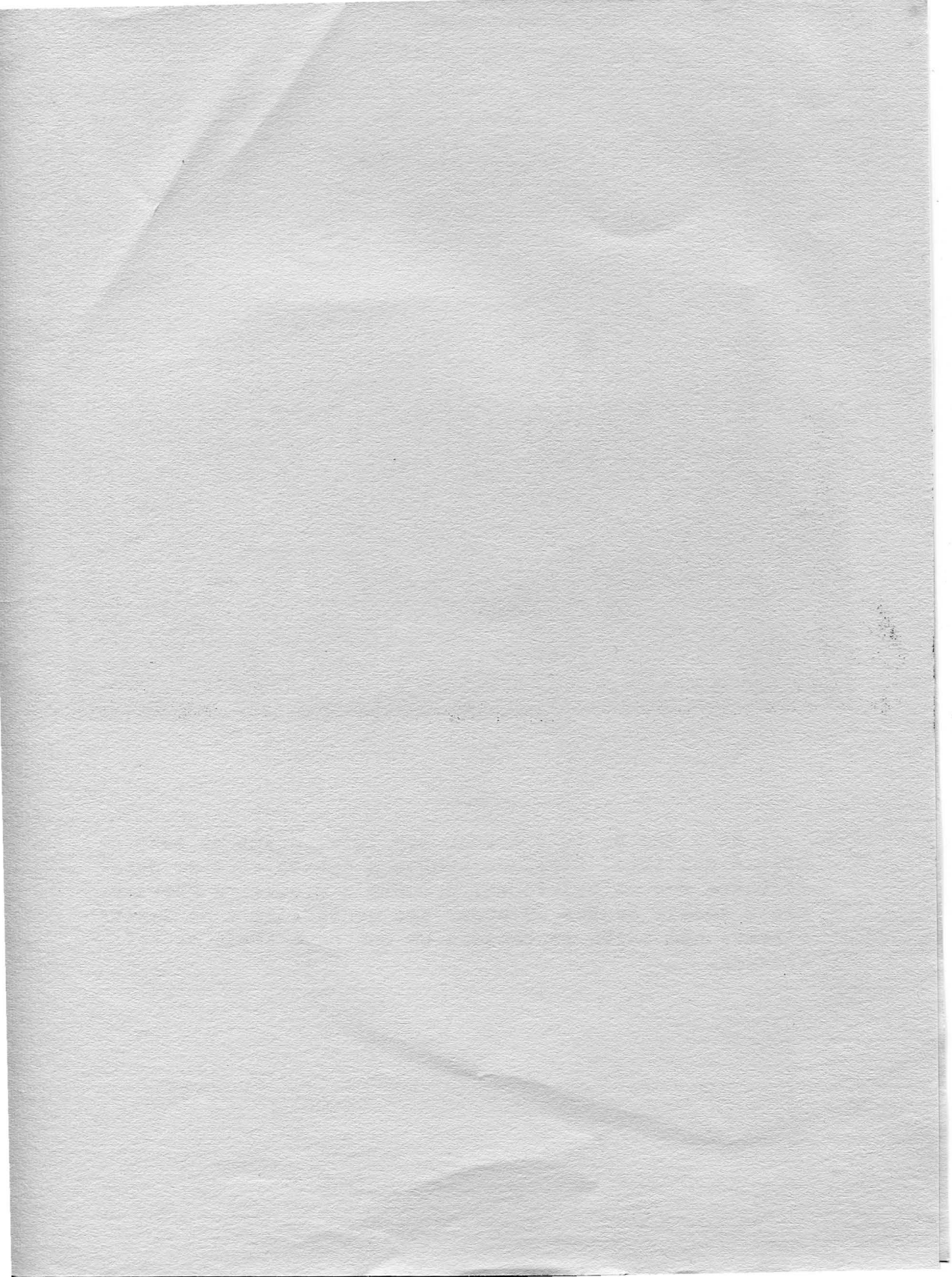
O POVO VENCERÁ!

VIVA O GLORIOSO MRPP!

VIVA A FEML!

6 de Janeiro de 1975

COMITÉ ESTRELA VERMELHA
-RIBEIRO SANTOS
(ÓRGÃO CENTRAL DA FEML)





... Se o ano de 1974 acabou com luta, o ano de 1975 se
negará com luta! Corramos punhos e dentes para os duros
combates que se avizinham! A Junta e o Governo Provisó-
rio e demais órgãos do poder das monopolias e do imperi-
alismo, não terão concertado um ano novo cheio de fai-
lidades.